

A CULTURA CORPORAL NO CONTEXTO DA SAÚDE MENTAL

Leonardo Trápaga Abil¹
Luiz Alberto dos Santos Ferreira²

Resumo

A presença do professor de Educação Física no contexto do Sistema Único de Saúde (SUS) vem acontecendo a passos curtos nos últimos anos. Em alguns serviços do SUS especializados em atenção à saúde mental é que a cultura corporal emerge. Neste trabalho nos debruçamos em dialogar a respeito da formação e trabalho do professor de Educação Física na saúde coletiva e mental, na perspectiva do SUS. Também trouxemos dois relatos de experiências que estamos tendo em dois Centros de Atenção Psicossocial, para mostrar como a cultura corporal pode ser mais uma ferramenta de cuidado na atenção à saúde mental.

Palavras-chave: Cultura corporal; saúde mental; saúde coletiva; trabalho.

BODY CULTURE IN THE CONTEXT OF MENTAL HEALTH

Abstract

The presence of the physical education teacher in the context of the Unified Health System (UHS) has been happening in small steps in recent years. In some UHS services specializing in mental health care is that the body culture emerges. In this paper we focus on dialogue about the work and formation of the physical education teacher in public ad mental health, from the perspective of the UHS. We also brought two stories of experiences we're having in two Centers of Psychosocial Care, to show how the body culture may be more a tool of care in mental health care.

Key-words: Body Culture; mental health; public health; work.

LA CULTURA CORPORAL EN EL CONTEXTO DE LA SALUD MENTAL

Resumen

La presencia del profesor de educación física en el contexto del Sistema Único de Salud (SUS) ha estado sucediendo en pequeños pasos en los últimos años. En algunos servicios del SUS especializados en atención de salud mental es que la cultura corporal emerge. En este artículo nos centramos num diálogo sobre trabajo y formación de lo profesor de educación física en la salud coletiva y mental, en el contexto do SUS. Tenemos dos historias de experiencias prácticas en los Centros de Atención Psicossocial, para mostrar cómo la cultura corporal puede ser más una herramienta en el cuidado en la salud mental.

Palabras-clave: Cultura corporal; salud mental; salud coletiva; trabajo.

¹ Professor de Educação Física; Residente Multiprofissional em Saúde Mental e Coletiva (UFRGS), Porto Alegre/RS. Contato: leoabib@gmail.com

² Professor de Educação Física; Residente Multiprofissional em Saúde Mental e Coletiva (Escola de Saúde Pública do RS), Porto Alegre/RS. Contato: luizrecre@yahoo.com.br

Considerações iniciais

Nos últimos anos a discussão sobre saúde coletiva conquista mais espaço no campo da Educação Física, apesar de pouco abordada nos cursos de graduação (ANJOS; DUARTE, 2009; BRUGNEROTTO; SIMÕES, 2009; PASQUIM, 2010), ou então, estudada basicamente numa perspectiva preventiva, biomédica, prescritiva e pouco preocupada com as questões que permeiam os serviços públicos de saúde do nosso país. Apesar deste fato, a área tem ganhado um outro olhar do Sistema Único de Saúde (SUS), que passou a contemplar a Educação Física em alguns textos e programas, como pode ser visto na Política Nacional de Promoção da Saúde publicada em 2006 e na portaria do NASF – Núcleo de Apoio à Saúde da Família – que data de 2008 (PASQUIM, 2010).

Com isso, criou-se uma certa expectativa quanto à inclusão do professor de Educação Física nos serviços oferecidos pelo SUS e, por conseguinte, a necessidade de se (re)pensar a formação em saúde dentro da Educação Física.

Quanto à inclusão dos professores de Educação Física no contexto do SUS, esse percurso tem sido trilhado a passos curtos, contudo, analisar os motivos desta situação não será o nosso foco neste trabalho. Neste momento iremos nos ater ao trabalho do professor de Educação Física no campo da saúde coletiva e mais precisamente nos serviços de saúde mental oferecidos pelo Sistema Único de Saúde. Optamos por estes serviços pelo fato de já estarmos inseridos no campo da saúde mental há algum tempo e pela vontade de compartilhar nossas experiências nestes espaços e, assim, trazer o trabalho e a formação em saúde coletiva para debate no campo da Educação Física.

Quanto ao campo da saúde mental, Wachs e Fraga (2009) colocam que,

a assistência em saúde mental tem passado por intenso processo de reformulação ao longo das últimas décadas, especialmente na última. A Reforma Psiquiátrica, em implementação no Brasil, propõe a substituição do modelo manicomial de assistência por uma rede integral de cuidado às pessoas em sofrimento psíquico. Tal mudança ganha corpo no Sistema Único de Saúde (SUS) com a criação de uma série de serviços que operam em prol da cidadania, dos direitos sociais e da (re)inserção dos usuários na comunidade (WACHS; FRAGA, 2009, p. 94).

A Reforma Psiquiátrica se consistiu num movimento que emergiu na década de 1970 e que contou com a participação de trabalhadores, familiares e usuários da saúde mental (AMARANTE, 1995). O movimento da Reforma Psiquiátrica buscou transformações no modelo de atenção à saúde mental para um atendimento mais humanizado e não centralizado em hospitais psiquiátricos (manicômios). Transformações que estivessem ancoradas em projetos terapêuticos pautados na inclusão, em formas mais dignas de vida, dando às pessoas em sofrimento psíquico a possibilidade de ressignificar suas vidas em convívio social.

Um dos serviços estrategicamente implantados com a Reforma Psiquiátrica e que compõe a rede substitutiva ao modelo manicomial dentro do Sistema Único de

Saúde é o Centro de Atenção Psicossocial (CAPS). Os CAPS possuem “a missão de dar um atendimento diuturno às pessoas que sofrem com transtornos mentais severos e persistentes, num dado território, oferecendo cuidados clínicos e de reabilitação psicossocial, com o objetivo de substituir o modelo hospitalocêntrico” (BRASIL, 2004, p. 12).

O movimento da Reforma Psiquiátrica e as Conferências Nacionais de Saúde Mental vêm reivindicando diferentes práticas em saúde mental entre os trabalhadores mais tradicionais do campo, mas, também, a presença de outros trabalhadores, como Artistas Plásticos e professores de Educação Física, (WACHS; FRAGA, 2009), e recentemente trabalhadores do Teatro e da Pedagogia, apesar de termos conhecimento de projetos antigos de Teatro envolvendo usuários de saúde mental.

Alguns CAPS contam com a presença do professor de Educação Física nos quadros de suas equipes de trabalho, contudo ele não é um trabalhador indispensável para o serviço, que no caso, opta por ter ou não alguém da área na equipe. De acordo com Wachs e Fraga (2009), a presença de professores de educação física nos serviços de atenção em saúde mental ainda é parca, mas eles existem.

Com isto ficam algumas dúvidas no ar: o professor de Educação Física possui formação na graduação capaz de lhe subsidiar no trabalho em saúde mental? Como é o trabalho do professor de Educação Física num CAPS?

No decorrer do trabalho iremos discutir sobre esses questionamentos, a partir da análise de documentos, revisão bibliográfica e das nossas experiências pessoais e coletivas no campo.

A formação do professor de Educação Física e o trabalho em saúde mental

Ao buscar trabalhos que se referem aos temas saúde mental e Educação Física, não encontramos um trabalho sequer que discuta sobre a abordagem dos conteúdos da saúde mental nos currículos de graduação em Educação Física. De fato, nossa experiência no campo da saúde mental se deu fora das salas de aula da faculdade, acontecendo em estágios não curriculares, grupos de pesquisa e no envolvimento com o movimento estudantil.

Atualmente, existem alguns trabalhos que reivindicam o enfoque da saúde coletiva nos currículos da Educação Física, o que fomenta o debate sobre a formação e as atuais demandas curriculares, para as mais amplas possibilidades de inserção do professor de Educação Física no SUS.

De acordo com Albuquerque e Giffin (2009), nos currículos dos cursos ditos da área saúde os aspectos biológicos e o desenvolvimento técnico-científico são privilegiados em detrimento das questões de ordem social, política e ética, sendo assim o principal enfoque na nossa formação *fica* centrado nos componentes biológicos e na falta de oferta de estágios em serviços públicos e, por conseguinte, acarreta *na* baixa capacidade de reflexão sobre a prática profissional.

Na atual conjuntura dos cursos de graduação percebemos que a formação não está em sintonia com as reais demandas dos serviços públicos de saúde (ANJOS; DUARTE, 2009) e a saúde coletiva, de forma geral (incluindo a saúde mental), encontra-se marginalizada nos currículos da graduação (PASQUIM, 2010).

Num plano além da graduação temos uma possibilidade de formação com ênfase na saúde mental e coletiva voltada para o trabalho no SUS, que são as Residências Multiprofissionais em Saúde Mental. No município de Porto Alegre-RS existem três

programas de Residência Multiprofissional em Saúde Mental Coletiva que contemplam a Educação Física – Escola de Saúde Pública do Rio Grande do Sul (ESP/RS); Hospital de Clínicas de Porto Alegre (HCPA); Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

As Residências Multiprofissionais são programas de pós-graduação em modalidade *latu-sensu*, em que existe uma carga horária de formação prática e teórica, em que o participante do programa atua nos serviços do SUS por um período médio de dois anos sob a cooperação e orientação de trabalhadores desses serviços, além de uma carga horária teórica e de pesquisa em saúde, perfazendo carga horária superior a 5.000 horas. No final desse período o participante do programa conclui como especialista na área de ênfase de seu programa, apto a fazer parte do quadro de trabalhadores do SUS.

No processo de formação dos residentes multiprofissionais, busca-se pensar e produzir espaços de saúde, a partir do reconhecimento que problemas complexos necessitam de respostas coletivas, promovendo o cuidado de forma interdisciplinar e intersetorial, sempre conectados às questões sociais, econômicas, culturais, políticas e religiosas que fazem parte do modo de viver e adoecer da comunidade (BRASIL, 2006).

Apesar do aumento de número de programas de Residências Multiprofissionais com vagas para professores de Educação Física, o número de vagas de trabalho não cresce na mesma proporção. Existe anualmente um grande investimento público na formação destes trabalhadores, e muito pouco tem se investido no aproveitamento dos mesmos no SUS, obrigando muitos a buscarem a iniciativa privada, apesar de toda formação direcionada para o serviço público e financiada com recursos públicos.

A Cultura Corporal como dispositivo de cuidado em Saúde Mental

Para Carvalho (2007, p. 65), as manifestações da cultura corporal carregam os significados que as pessoas lhes atribuem e dessa forma contemplam “as vivências lúdicas e de organização cultural e operam de acordo com a lógica do acolhimento, aqui no sentido de estar atento às pessoas, de trabalhar ouvindo seus desejos e necessidades e, ao mesmo tempo, orientá-las e encaminhá-las de modo a atendê-las para além do imediato”.

Concordamos com a autora quando ela afirma que ao se adotar a concepção de cultura corporal no trabalho em saúde, estamos entrando em “contraposição à idéia de atividade física, à medida que atividade física homogeniza o coletivo porque é impessoal, padroniza e nivela o corpo, com base na racionalidade biomédica, ao mesmo tempo em que o desqualifica ao destituir o humano do movimento” (CARVALHO, 2007, p. 65).

Matiello Junior e colaboradores (2005) também colocam que na Educação Física há uma corrente teórica bastante consolidada que trata as complexas manifestações da cultura corporal a partir do conceito “atividade física”, passando, assim, a trabalhar com o movimento na perspectiva da reprodução, imitação e mecanização ao invés de valorizar a prática pedagógica de forma a possibilitar experiências criativas e ricas em significados para as pessoas.

Concordando com os autores acima, optamos por utilizar a cultura corporal como dispositivo no cuidado em saúde mental. Partindo do olhar crítico superador (COLETIVO DE AUTORES, 1992), os elementos da cultura corporal aparecem aqui como ferramentas terapêuticas, e é isto o que vislumbramos e consideramos importante

dialogar com os demais trabalhadores e trabalhadoras em saúde mental, além também de servir de subsídio aos professores e professoras de Educação Física que pensam suas práticas em saúde mental.

Pensar a Educação Física e sua intervenção na saúde mental não significa ter uma visão corporativista, nem apropriação de conhecimentos construídos historicamente pela humanidade, e muito menos impedir a livre expansão da vida, mas, sim, atender uma demanda de professores e professoras de Educação Física, que em sua prática diária em saúde mental necessitam de um maior acúmulo teórico e prático, deficitário e pouco abrangente na graduação, e que perpassa a pós-graduação, em que muitas vezes, o debate em saúde fica centrado numa lógica biologicista e pautado no saber biomédico. Damico (2007) nos faz colocações importantes neste sentido:

Entendo que a Educação Física, para ocupar um lugar de protagonista num modelo de saúde pública como o SUS, necessita liberar-se das amarras da verdade e do saber biomédico, livrar-se das disciplinas totalizantes e dos interesses corporativos, econômicos e políticos para estabelecer uma dimensão cuidadora e desarmada de tecnologias fragmentadas. (DAMICO, 2007, p.83-84)

Como podemos encontrar no texto de Merhy (2002), acreditamos no grande núcleo das atividades cuidadoras de saúde, porém não podemos deixar de pensar nossa prática como núcleo profissional específico e dialogar aqui sobre nossa vivência curta, mas intensa, com a população usuária de saúde mental, e pensar num aspecto cuidador integral, como nos colocam Ceccim e Bilibio (2007):

São os recursos da Educação Física que poderão ampliar a capacidade de resposta e inclusão no Sistema Único de Saúde no tocante às novas necessidades em saúde, uma vez que efetivamente a população está aí comunicando com o corpo o sofrimento, não para ser higienizada, moralizada, ou curada unilateralmente, mas cuidada e acolhida em relações intercessoras[...]uma Educação Física entretanto das práticas corporais cuidadoras e dos saberes sobre a rede de comunicações entre a vida mental e capacidades do organismo, a rede de comunicações entre interações lúdicas ou desportivas e corporeidade e a rede de disposições afetivas e estado corporal (CECCIM; BILIBIO, 2007, p.59-60.).

Mais especificamente no campo da saúde mental, Wachs e Fraga (2009, p. 99) colocam que “talvez a condição de ser um profissional ‘novo’ dentro do CAPS (contratação não obrigatória, sem longa tradição no campo e sem tantos protocolos a serem seguidos) é que permita ao professor e a professora de Educação Física flutuar mais facilmente entre diferentes frentes de intervenção, transcender os limites de sua formação de graduação”. É pertinente colocar aqui que o professor e a professora de Educação Física não estão fadados a trabalhar apenas com oficinas que envolvem elementos da cultura corporal e de acordo com os autores supracitados, o professor e a professora acabam agregando novos conhecimentos e práticas neste trabalho, a fim de dar conta daquilo que é o mais importante no cuidado em saúde mental: a demanda do usuário.

Vem à cena a seguinte questão: o cuidado no Caps, muitas vezes, excede a formação inicial dos profissionais. O professor de educação física não deixa

de ser professor de educação física quando realiza tais atividades, mesmo que elas não estejam diretamente associadas às práticas da educação física. A educação física não se resume (ou não deveria se resumir) a um repertório de atividades produzidas em seus ambientes clássicos (escolas, academias de ginástica, clubes etc.) que pode ser transportado para o Caps. (WACHS; FRAGA, 2009, p.)

Para que a Educação Física possa estar adequando-se à cultura e realidade dos usuários de saúde mental, faz-se necessário intervir sem a intenção de treinar as pessoas ou até mesmo de habilitá-las, mas, sim, de servir enquanto suporte para trabalhar por meio dos elementos da cultura corporal (FERREIRA, 2008).

Nesse aspecto, mais uma vez é possível perceber a relevância de propor um trabalho embasado nas práticas corporais ao invés da visão reducionista das atividades físicas, trazendo diversos elementos da cultura corporal no intuito de possibilitar às pessoas um processo de autoconhecimento, compreendendo a sua existência para além das questões orgânicas, educando-as para serem críticas e poderem se relacionar nas esferas coletivas de modo reflexivo e ativo.

As oficinas que envolvem práticas corporais dentro dos CAPS - tendo em vista a reinserção social dos sujeitos em suas comunidades como um dos objetivos - emergem dentro deste novo modelo de atenção proposto pelo movimento da Reforma Psiquiátrica brasileira, “que busca a desconstrução da realidade manicomial e a construção de novas realidades, segundo novas bases epistemológicas, políticas e sociais, operando transformações de toda uma cultura que sustenta a violência, a discriminação e o aprisionamento da loucura” (AMORIM; DIMENSTEIN, 2009, p. 197).

Partindo de nossa opção metodológica, e nosso olhar sobre os elementos da cultura corporal num enfoque humano e superador, gostaríamos de nos debruçar sobre duas experiências vividas em duas oficinas pontuais, a de Esportes e de Cultura Corporal. Como afirmamos são experiências pontuais, mas que acreditamos ser grandes potencializadoras, e tem gerado vivências interessantes em saúde mental. Detalharemos a seguir o que representam cada uma dessas experiências.

Oficina de Cultura Corporal

Na busca de novas tecnologias de cuidado em saúde mental, esta oficina tem por objetivo proporcionar um momento de trocas culturais, em que os usuários e usuárias possam propor e protagonizar práticas corporais que fizeram parte de sua história, eleitas por um ou uma ou pelo coletivo, além de expressões artísticas e de movimento que possam emergir do cotidiano, e que sejam pertinentes.

A oficina, dessa forma, acaba propondo um resgate da cultura corporal dos usuários e usuárias, fazendo do momento da oficina um ambiente mais significativo aos mesmos, onde possam propor, protagonizar e até mesmo conduzir a atividade, produzindo subjetividades, que remetam a momentos prazerosos de seu histórico de vida, além de estarem explorando seu vocabulário corporal e realizando as diversas manifestações livres da sua corporeidade e momentos artísticos individuais e coletivos.

A duração da oficina tem em média 60 min, e seu formato é definido pelo coletivo, e não se limita ao espaço físico do CAPS, ela acontece na cidade, nos parques e praças, ou seja, onde os usuários e usuárias demandarem coletivamente.

O espaço da oficina tem a intenção de se pautar por princípios de integralidade, fomentando sempre co-responsabilidade, protagonismo, entre outros aspectos solidários que possam demandar das relações e que atendam os princípios e diretrizes do Sistema Único de Saúde.

Oficina de Esportes

Esta oficina ocorre semanalmente num Centro de Atenção Psicossocial da infância e adolescência, no município de Novo Hamburgo-RS. Tal atividade surge como mais um dispositivo dentro do plano terapêutico individual de cada usuário que participa da oficina. É um espaço onde se encontram adolescentes com diferentes demandas e dificuldades, mas que conseguem se entender e se constituir enquanto um grupo. Esse enfoque permite aos participantes uma nova rede de pertença a eles, além de novas possibilidades de interação e momentos lúdicos (muitas vezes ausentes em suas trajetórias).

Tal oficina pretende, a partir de um dos elementos da cultura corporal, o esporte, propiciar um espaço de descobrimento, socialização, experimentação e de produção de saúde. Com isso acredita-se que essa oficina pode se constituir numa potente ferramenta terapêutica para estes adolescentes que freqüentam o serviço de saúde mental. Através das atividades coletivas, espera-se que os participantes vivenciem momentos de protagonismo e cooperação, com o intuito de contribuir em seus processos de reabilitação psicossocial, respeitando suas singularidades e a coletividade do grupo. Não utilizamos o esporte de maneira higienista e tão pouco moralista, mas com um enfoque voltado para o cuidado com o outro, o jogar com o outro, de modo a não reproduzir os valores dominantes da sociedade capitalista, que estimula a alta competitividade entre seus praticantes (BACHELADENSKI, 2006).

Quanto ao cuidar de si e do outro, a idéia de cuidado traz uma conexão com o todo e sendo assim o "cuidar de si" não se traduz numa atitude individualista/narcisista, mas, sim, num cuidado com o outro e com o ambiente (MELO, et al, 2005). “Assim, cuidar do outro representa a compreensão de que nossa humanidade depende do outro” (Idem. p. 97). Isto se torna mais interessante nesta oficina, pois conta com a participação de meninos surdos e meninos ouvintes, o que faz com que ambos se esforcem para se comunicarem e cuidarem uns dos outros durante as atividades.

Vale lembrar que as pessoas que coordenam a atividade são de diferentes áreas do conhecimento, pois entendemos que a Educação Física não é a detentora da cultura corporal, mas, sim, uma das áreas que a utilizam enquanto ferramenta. A oficina conta com a coordenação de um professor de Educação Física e de uma Terapeuta Ocupacional, além de ter um apoio de um Pedagogo. Com isso, trabalhamos de forma interdisciplinar, buscando a partir dos diferentes olhares construir práticas emancipadoras e que atendam aos princípios e diretrizes do SUS, e também as demandas dos adolescentes.

Outra repercussão importante da oficina é fazer com que os adolescentes transitem pela comunidade onde fica localizado o CAPSi, proporcionado esta circulação e esta apropriação por aquilo que também faz parte deles. A partir disso, realizamos uma parceria via prefeitura de Novo Hamburgo com o sindicato dos metalúrgicos de Novo Hamburgo, que nos concede o uso gratuito do ginásio para realizarmos as oficinas. Com estas ações pretendemos fazer com que a comunidade também não olhe

para os meninos de forma estigmatizada, marginalizada, mas como adolescentes que também possuem o direito à práticas de lazer, esporte e outras.

Considerações finais

O trabalho do professor e da professora de Educação Física não deve se limitar às oficinas terapêuticas que estejam envolvidas com a cultura corporal. Devemos atuar de acordo com as demandas dos serviços de saúde mental do SUS, trabalhando de forma multi e interdisciplinar com os demais trabalhadores. Acolhimentos, escutas, visitas domiciliares, espaço de convivência, atividades de geração de renda, de cultura e circulação pela cidade, enfim, são varias as atividades desenvolvidas pelas equipes e que os professores e professoras de Educação Física devem também compartilhar dessas tarefas com os demais trabalhadores.

A partir dessas reflexões não temos a intenção de delimitar e especificar o trabalho do professor e da professora de Educação Física na saúde mental. Acreditamos nas mais amplas possibilidades, pois temos muitos elementos importantes a construir, a fim de fortalecer a nossa inserção na saúde mental e mais amplamente no SUS.

Consideramos que o debate está aberto, e que a cultura corporal e seus elementos, podem ser importantes disparadores para produção de vida na saúde mental, não numa lógica messiânica e salvacionista, mas uma possibilidade entre tantas tecnologias de cuidado.

REFERÊNCIAS

AMARANTE, P. **Novos Sujeitos, Novos Direitos: O debate em torno da Reforma Psiquiátrica.** Cadernos Saúde Pública, Rio de Janeiro, v.11, n. 3, p. 491-494, jul./set., 1995.

ALBUQUERQUE, Verônica Santos. GIFFIN, Karen Mary. **Globalização Capitalista e Formação Profissional em Saúde: uma agenda necessária ao ensino superior.** Trabalho Educação Saúde, v. 6 n. 3, p. 519-537, nov.2008/fev.2009.

AMORIM, A. K. de M. A.; DIMENSTEIN, M. **Desinstitucionalização em saúde mental e práticas de cuidado no contexto do serviço residencial terapêutico.** Ciência & Saúde Coletiva, Rio de Janeiro, v. 14, n.1, p. 195-204, jan./fev., 2009.

ANJOS, Tatiana Coletto dos; DUARTE, Ana Cláudia Garcia de Oliveira. **A Educação Física e a Estratégia de Saúde da Família: formação e atuação profissional.** Physis Revista de Saúde Coletiva, Rio de Janeiro, 19 [4], p. 1127-1144, 2009.

BACHELADENSKI, Miguel Sidenei. **(Re) Significações do Lazer em sua Relação com a Saúde em Comunidade de Irati/PR.** Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Educação Física (UFSC). Florianópolis, 2006.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Saúde mental no SUS: os Centros de Atenção Psicossocial.** Brasília: Ministério da Saúde, 2004.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Gestão do Trabalho e da Educação na Saúde. Departamento de Gestão da Educação na Saúde. **Residência Multiprofissional em saúde: experiências, avanços e desafios**. Brasília: Ministério da Saúde, 2006.

BRUGNEROTTO, Fábio; SIMÕES, Regina. **Caracterização dos currículos de formação profissional em Educação Física: um enfoque sobre saúde**. Physis Revista de Saúde Coletiva, Rio de Janeiro, 19 [1], p. 149-172, 2009.

CARVALHO, Yara Maria. **Práticas corporais e comunidade: um projeto de educação física no Centro de Saúde Escola Samuel B. Pessoa**. In: FRAGA, Alex Branco; WACHS, Felipe (orgs.) **Educação Física e Saúde Coletiva: Políticas de Formação e Perspectivas de Intervenção**. Porto Alegre: UFRGS Editora, 2007.

CECCIM, Ricardo Burg; BILIBIO, Luiz Fernando. **Singularidades da Educação Física na Saúde: desafios à educação de seus profissionais e ao matriciamento interprofissional**. In: FRAGA, Alex Branco; WACHS, Felipe (org.) **Educação Física e Saúde Coletiva Políticas de Formação e Perspectivas de Intervenção**. Porto Alegre: UFRGS Editora, 2007.

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do Ensino da Educação Física**. São Paulo: Ed. Cortez, Autores associados, 1992.

DAMICO, José Geraldo Soares. **Das possibilidades as incertezas: instrumentos para intervenção do profissional de educação física nos posto de saúde**. In: FRAGA, Alex Branco; WACHS, Felipe (orgs.) **Educação Física e Saúde Coletiva Políticas de Formação e Perspectivas de Intervenção**. Porto Alegre: UFRGS Editora, 2007.

FERREIRA, Luiz Alberto dos Santos. **Re/inscrição de portadores de necessidades psíquicas e a circulação nos espaços urbanos**. Monografia (Trabalho de Conclusão do Curso de Licenciatura Plena em Educação Física) – Escola de Educação Física, Universidade Luterana do Brasil, Canoas, 2008.

MATIELLO JUNIOR, Edgard; QUINT, Fernanda Ouriques; Martinez, Jéssica Félix Nicácio; BACHELADENSKI, Miguel Sidenei. **Reflexões sobre a inserção da educação física no Programa Saúde da Família**. Motrivivência. Ano 17, nº 24, p. 81-95. Junho. 2005.

MELO, Cristiane Ker de; ANTUNES, Priscila de Cesaro; SCHNEIDER, Maria Denis. **Cuida(do) corpo: experimentações acerca do “cuidar de si”**. In: SILVA, Ana Márcia; DAMIANI, Iara Regina (orgs.) **Práticas Corporais**. Florianópolis. Nauembla Ciência & Arte, 2005.

MERHY, Emerson Elias. **Ato de cuidar: alma dos serviços em saúde. A cartografia do trabalho vivo**. São Paulo: Editora Hucitec, 2002.

PASQUIM, Heitor Martins. **A Saúde Coletiva nos Cursos de Graduação em Educação Física**. Saúde Sociedade, São Paulo, v.19, n.1, p.193-200, 2010.

WACHS, Felipe; FRAGA, Alex Branco. **Educação Física em Centros de Atenção Psicossocial**. Revista Brasileira de Ciências do Esporte, Campinas, v. 31, n. 1, p. 93-107, setembro, 2009.